

TÍTULO: A RESPOSTA DO PSICANALISTA – UMA VIA DO AMOR E DA VERDADE

Marisa De Costa Martinezⁱ
Tiago Ravelloⁱⁱ

*“Nem só a Arte e a Ciência servem;
No trabalho há que mostrar paciência”¹
“São a fome e o amor que movem o mundo”²*

Agradecimento aos que estão aqui presentes, por algo chamado de transferência com o saber da Psicanálise. Aliás, é justamente sobre transferência que esse trabalho se refere. Apesar do tema do trabalho não abordar esse conceito, quando pensamos em uma via do amor e da verdade, o que pode nos vir a cabeça, se não a transferência enquanto mola condutora de uma análise?

É preciso dizer que esse trabalho é fruto de uma pesquisa em conjunto de Mestrado orientada pelo professor Tiago Ravello. É uma pesquisa que está em andamento mas que objetiva discutir sobre a relação do conceito de amor com o conceito de verdade, a partir do campo de investigação freudo-lacaniano. Neste sentido, considerando o tema de nosso encontro internacional, “O que responde o psicanalista? Ética e clínica”, surgem algumas questões as quais pretendemos percorrer, quais sejam, haveria uma clínica sem amor transferencial? Ou ainda, como pensar em ética, sem considerar o peculiar conceito de verdade em psicanálise? Até porque, conforme evidencia Lacan em seus escritos “Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente [...] Ora, toda fala pede uma resposta” (1953/1998, p. 248). Esta, então, seria nossa proposta de trabalho, a saber, qual seria uma resposta do analista à fala do paciente que perpassaria tanto o amor e quanto a verdade. E é justamente no susto da transferência, que não podemos pensar nesses conceitos enquanto separados.

¹ Goethe, *Fausto*, Parte I (Cena 6). Citação utilizada por Freud em *Um caso de Histeria* (1905/2006).

² Schiller (poeta e filósofo) citado por Freud em *O Mal-Estar na Civilização* (1932).

A psicanálise trata-se de uma experiência cuja fonte é o amor, uma vez que aponta para o início da experiência freudiana, a partir do amor de transferência, com o qual a psicanálise recoloca o fenômeno amoroso no seio da experiência terapêutica. A prática psicanalítica é diretamente fundamentada numa experiência amorosa e, por isso, o amor aparece como condição para surgimento do tratamento psicanalítico. Dentro de um primeiro mapeamento do conceito de transferência, percebemos que há relação entre os conceitos de amor e de transferência, tanto que Freud sustentava que não há análise sem transferência de amor. A partir da leitura freudiana, uma das possibilidades de conceituar a transferência seria como o amor injustificado, ao menos pela racionalidade da consciência, contudo, trata-se de verdade do inconsciente enquanto ancorada no amor e suas implicações, por todo carácter ficcional que ela engendra. Neste sentido, tanto o amor quanto a verdade apontam para a máxima freudiana de que não somos donos de nossa própria morada, com a invenção do inconsciente. Nas palavras de Lacan “A análise veio nos anunciar que há um saber que não se sabe” (LACAN, 1972-1973/2008, p. 102).

A história da psicanálise se apoia na transferência e coloca o campo do amor em primeiro plano, o que por sua vez, é uma tentativa de reconstrução do campo da verdade enquanto insinuada pelo sujeito à partir do amor e da sexualidade. Deste modo, Freud passou a escutar os lapsos, os equívocos, as articulações não explícitas, as quais surgem em uma fala aparentemente divergente. A transferência participa do surgimento da experiência psicanalítica como ultrapassagem dos dispositivos de racionalidade consciente, a qual ocorre a partir dos estudos sobre a histeria e ao mesmo tempo colocou em questão qual a lógica da relação da psicanálise com a verdade. O mal do qual sofriam as histéricas não eram fisiológicos, apesar de serem

no corpo e, os dispositivos de verdade os quais um psicanalista preocupa-se tratam de efeitos da verdade inconsciente, quais sejam, sonhos, sintomas, chistes e atos falhos.

Retomando, então, a epígrafe deste trabalho, uma resposta ética do psicanalista seria a paciência, para além da ciência e da arte, a fim de que possa advir a verdade do sujeito bem como “o que a fala comporta de amor”? Certamente, esta seria uma resposta bem diferente da resposta de Breuer (*in* FREUD, 1893/2006) frente a transferência de amor. Anna O., 21 anos, foi considerada quem inventou a psicanálise, quando nomeia seu tratamento com Breuer de *talking cure*, uma vez que o que se fazia era uma *chimney sweeping* (limpeza de chaminé). Segundo Lacan, “Anna O., é a seu propósito que se descobriu a transferência [...] Quanto mais Anna dava significantes e tagarelava, melhor a coisa ia” (1964/2008), p. 155). Seus sintomas estavam ligados à morte de seu pai, quais sejam, distúrbios da visão, da linguagem e da motricidade, e ainda misturava as diversas línguas. Anna O. foi considerada curada graças a rememoração de suas lembranças traumáticas. No entanto, após uma *pseudociese* de Anna, Breuer, sentindo-se ameaçado e assustado, desiste do caso, parte em lua-de-mel para Veneza, onde concebe sua filha Dora.

Deste modo, Freud afirma que o amor tem como caráter essencial o fato de consistir novas adições de antigas características, isto é, repetições infantis. Nesse momento surge uma questão: Seria apenas o amor objetal genuíno e o amor de transferência estaria fora da verdade? Na sequência, apresentaremos um excerto no qual Freud trabalha o fenômeno amoroso na transferência como experiência atrelada à concepção de verdade. Neste, o autor utiliza a palavra “genuína” apresentando uma abordagem do conceito de verdade, colocando em questão seu estatuto.

Por que outros sinais pode a genuinidade de um amor ser reconhecida? Por sua eficácia, sua utilidade em alcançar o objetivo do amor? A esse respeito, o amor transferencial não parece ficar devendo nada a ninguém; tem-se a

impressão de que se poderia obter dele qualquer coisa (FREUD, 1915/2006, p. 185).

Com o excerto acima, Freud aproxima a experiência psicanalítica tanto à transferência quanto à verdade. Nesse mesmo sentido, Roudinesco, a partir de Lacan define a transferência enquanto “feita do mesmo estofó que o amor comum, mas é um artifício, uma vez que se refere inconscientemente a um objeto que reflete o outro” (ROUDINESCO; PLON, 1944/1998, p. 769). Dessa maneira, Quinet aponta, com Lacan, para uma especificidade no amor de transferência, que se aproxima do saber e da verdade, vejamos: “o amor que caracteriza a mudança para o discurso do analista é o amor pelo saber, o amor dirigido ao saber [...] ‘Aquele a quem eu suponho saber, eu o amo’” (LACAN apud QUINET, 2011, p.28). Frente às falas vazias, o analista tem de responder as falas plenas, apontando aí o desejo. Ao mesmo tempo, é inerente à clínica tanto a busca quanto o desejo da verdade enquanto condições indispensáveis para que uma análise aconteça. Até porque, a verdade na psicanálise é a verdade do desejo, então, “é no movimento, na relação do sujeito com a verdade que se situa toda a importância dessa exigência [da análise], e não na promessa de um encontro definitivo com ela” (BEZERRA JR., 1989, p. 237). Ao nosso ver, esta seria uma resposta ética do psicanalista na clínica, a saber que a verdade tem uma estrutura de uma ilusão, ficção e de discurso criada/sustentada pelo sujeito. Este, por sua vez, demandaria uma resposta e, neste sentido, “a arte do analista deve consistir em suspender as certezas do sujeito, até que se consumem suas últimas miragens. E é no discurso que deve escandir-se a resolução delas” (LACAN, 1953/1998, p. 253). Isso não quer dizer que a verdade em psicanálise trata-se de uma mentira, como podemos entender com citação lacaniana na qual “o inconsciente é o discurso do Outro. Pois o homem que, no ato da fala, reparte com seu semelhante o pão da verdade, partilha a mentira” (LACAN, 1954/1998, p. 381).

Por outro lado, se o amor é aquilo que repete, e que ao mesmo tempo deve ficar na abstinência para não se esvaír, como vemos nos exemplos de amor platônico, amor cortês e amor transferencial, todos exemplos de amores impossíveis, surge então uma questão: qual seria a diferença dos conceitos de amor e da pulsão? A esse respeito, Coutinho Jorge, no Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, O amor e seus transtornos (2010), apresenta um paralelo cultural entre amor e pulsão. Fazendo uma analogia entre os Beatles que morreram representando o amor, já a pulsão, que é mineral, sempre estará viva, como os Rollins Stones que estão pulando e rebolando até hoje, com 70 anos, mais ou menos assim: "*I can get no, satisfaction. But I try, I try...*". Por sua vez, Quinet (2011) nomeia seu artigo "*I can get, yes, satisfaction*" para nos mostrar que há satisfação nas letras, nas cartas, nos poemas de amor e coloca o gozo enquanto satisfação "Falar de amor por si só é um gozo" (p.31). Sim, aí surge mais uma questão de nossa pesquisa, a saber, diferenciar ou relacionar os conceitos de gozo e de amor. O mesmo autor nos diz:

Assim o amor é a afirmação de ser e da vida. Nas situações mais extremas de ameaça ao ser, ou seja, de risco absoluto de deixar de ser, de existir, de *not to be*, o que se tem? A declaração do amor. A maioria das mensagens de celulares das pessoas nas torres gêmeas do 11 de setembro antes de se atirar pela janela era: *I Love you!* Primeira e última palavra do ser falante (QUINET, 2011, p. 31).

O próprio conceito de realidade psíquica era uma questão sobre o amor. Nesse caso, a psicanálise coloca tanto o amor quanto a verdade em foco na construção do que poderíamos chamar de realidade. Freud conclui que a sedução que relatavam suas pacientes tratava-se do desejo de terem sido seduzidas, por amor, acarretando acontecimento ocorrido no plano psíquico e não no plano real. E a psicanálise, então, trabalharia com o primeiro, não dando muita importância se determinada lembrança aludia ou não a acontecimento real na infância. Segundo Lacan "Falar de amor, com efeito, não se faz outra coisa no discurso analítico" (1972-1973/2008, p. 89). Pollo

(2011) acrescenta que se não existissem os impasses do amor, não existiria a psicanálise. Isso tudo para pensarmos o quanto, desde os primórdios da psicanálise, as pessoas chegavam à clínica para falar que não conseguiam amar na vida adulta e associavam essa impossibilidade ao amor infantil objetal. Conforme apresentamos na segunda epígrafe, o amor que move o mundo, de forma semelhante, quem tem clínica escuta as pessoas chegando para falar de amor: porque não sabe quem amam, verdadeiramente; porque não conseguem se relacionar com a pessoa amada; pela dúvida se casam ou compram uma bicicleta; porque não entendem o fato de amar alguém que lhe faz mal; por amar alguém e desejar outrem; ou ainda, confirme recentemente publicou Brunetto (2010) em um caso clínico de um sujeito em análise que por anos repetia “me entediei e terminei”, até o dia em que cometeu um ato falho, muito bem sucedido e disse: “me apaixonei e terminei”.

Freud ainda sobre o nosso tema, a saber, o amor e verdade na transferência aproxima esta última ao amor normal.

Mesmo em seus caprichos, o uso da linguagem permanece fiel a uma certa espécie de realidade. Assim, ela dá o nome de ‘amor’ a numerosos tipos de relações emocionais que agrupamos, também, teoricamente como amor, por outro lado, porém, sente, a seguir, dúvidas se esse amor é real, verdadeiro, genuíno, e assim insinua toda uma gama de possibilidades no âmbito dos fenômenos do amor (1921/2006, p. 122).

A partir do conceito de realidade psíquica e da teoria do inconsciente freudiana, abre-se uma perspectiva de leitura da escolha de objeto amoroso enquanto destituída de valor natural e instintual, como propõe as neurociências. Assim, a construção de verdade em psicanálise deve buscar outra forma de sustentação, sendo a linguagem uma possibilidade de ancoragem. Nesse ponto buscamos subsídios em Lacan, sobretudo em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953/1998), com sua crítica ao excesso de imaginário que a psicanálise se tornou,

mas que, ao mesmo tempo, coloca a psicanálise enquanto crítica da naturalização do amor e da verdade, conforme excerto a seguir:

Para nos atermos a uma tradição mais clara, talvez ouçamos a célebre máxima em que La Rochefoucauld nos diz que ‘há pessoas que nunca se haveriam apaixonado, se nunca tivessem ouvido falar de amor’, não no sentido romântico de uma ‘realização’ totalmente imaginária do amor, que fizesse disso uma amarga objeção a ele, mas como um reconhecimento autêntico do que o amor deve ao símbolo e do que a fala comporta de amor (LACAN, 1953/1998, p. 265).

Para finalizar, escolhemos as palavras do poeta francês Baudelaire, que se assemelham as de Quinet, “Se começo [e termino] pelo amor, é que o amor é, para todos – por mais que o neguem -, a grande coisa da vida” (p. 546).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDELAIRE, C. P. **Choix de maximes consolantes sur l’amour, in Euvres complètes**. Paris: Gallimard, coll. Bibliothèque de la Pléiade, 1975.
- BORGES, S.; ABRAMOVITCH, S. (orgs). **O amor e suas letras**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.
- FREUD, S. Um Caso de Histeria. In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1905/2006.
- _____. Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1914-1915/2006.
- _____. Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1921/2006.
- LACAN, J. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise** In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1953/1998.
- _____. **Introdução ao comentário de Jean Hyppolite**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1954/1998.
- _____. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1964/2008.
- _____. **O seminário, livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1972-1973/2008.
- ROUDINESCO, E.; PLON M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ⁱ Analista Praticante e Membro do FCL-MS. Pós Graduada em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica pela UCDB. Graduada e Mestranda em Psicologia pela UFMS.

ⁱⁱ Doutor em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Professor Adjunto do CCHS da UFMS curso de Psicologia e Programa de Pós Graduação em Psicologia.